

O GUANDO E UMA QUESTÃO DE FILOLOGIA

Oswaldo Bastos de Menezes

Engenheiro Agrônomo
Secção de Genética — Instituto Exp. Agrícola
Ministério da Agricultura

Estando em andamento alguns trabalhos técnicos de citogenética, elaborados por mim (17), visando o conhecimento e a aproveitabilidade do guando, ainda desconhecido em nosso meio, procurei, naturalmente, pôr-me ao par da literatura publicada no mundo. Interessantes assuntos foram encontrados com ótimas informações para pesquisa, muitos dos quais justificam o plano de melhoramento que delineei.

Paralelamente com os trabalhos experimentais, cuidei de investigar, entre outras cousas, a origem da palavra e o mecanismo de que foi sede a mesma para sua atual apresentação em português, de cujos estudos se ocupa a presente informação.

O *Cajanus indicus* de SPRENGLER (7), *Cytisus Cajan* L (16), *Cajanus Cajan* (*indicus*) (25) ou melhor, o termo *Cajanus* parece ter sua raiz no vocábulo malabárico *Catjang* (20), como deseja PAXTON. KRAUSS acha (11) que provém do vocábulo maláio *Katjang*.

De uma ou de outra fonte, o certo é que o gênero *Cajan* (21) foi creado por ADANSON em 1763 e corrigido por DE CANDOLLE em 1813 para o atual *Cajanus*. (2)

Aparentemente, o guando não tem sido encontrado somente no estado selvagem, pois segundo WATT (27), sua introdução no Oeste da Índia e América do Norte foi devida ao comércio com a África: "The plant was probably introduced through

slave traders into the West Indies and North America from Africa. Watt, citing early botanists, mentions the plant as growing wild in the region of upper Nile, in Egypte, and in the cultivated and the wild state in the coastal districts of Angola, Portuguese West Africa. Loureiro, according to Watt, mentions it as growing both cultivated and wild in China and Cochin-China. Seemann, as recorded by Watt, says it was introduced into the Fiji Islands by early missionaries. In Madagascar the plant is very important and apparently has been found growing on the mountains of Magelang, in Central Java, Dutch East Indies, and according to De Candolle, in Africa from Zanzibar to the coast Guinea. This shows its wide distribution. The many Indian and Malay names by which the plant is known according to Watt, would seem to indicate its ancient cultivation. Sturtevant states that *Cajanus* certainly is one of the oldest cultivated plants in the world, a fact attested by its presence in ancient tombs. Schweinfurt, according to Sturtevant says it was found in Egyptian tombs of the twelfth dynasty (2200-2400 B. C.). The plant probably was introduced into Hawaii after the discovery of the islands by Captain Cook in 1778. Horace Mann, Jr. and William E. Brigham, of Harvard University, collected the plant as early as 1864 when it appears to have been fairly well naturalized. Hillebrand states *Cajanus* was of early introduction and was found growing near native dwellings. J. M. Westgate, director of the Hawaii Agricultural Experiment Station, states that he has seen a reference to the plant in which it was said to have been grown in the Territory of Hawaii at a considerable earlier date. (11)

É relativamente grande a área de dispersão do *Cajanus indicus*, e inúmeros são os nomes regionais que êle recebe, tais como: pigeon pea (14), dhall, rata-tora, Congo-bean, redgram, dhol, tovaroy, paripu, arhar, tur (15) *Cajan pea* (10), ambrevade, pois pigeon, pois d'Angole, pois Congo, Catjany, donde SORNAY acha provir o atual nome genérico (23), Gelloa-mah, Urur, Congo-pea (26), guando (19) (1), Ervilha d'Angola (22) Porto Rican pea (12) Guandú, Andú (24) (6), ervilha das Índias, ervilha de sete anos, voando (24), del, rohar,

toor, kandu, arhuku, tuvar, tuver, urhur, adhaki, tuvaral, arar, oror, lahar, oroza, gela-máh, togari kanalu, peh-yen-hlyung, no-eye pea, kolokoto, ndoti, boese, cytise des Indies, goodé, heeris, gandul. (11)

DE CANDOLLE (8), escrevendo sôbre a origem asiática do guando, que aliás êle não advoga, critica, a certa altura, o inexistente vocábulo sânscrito arhuku, revelado por PIDINGTON, e que, talvez, fôsse um dos indícios de sua arcáica origem. No entanto, êsse vocábulo é apontado por KRAUSS (11), como mostrei acima, e colhido por DUTHIE. (9)

Talvez que a muitos pareça descabido um esmiuçar tão acentuado nesses fatos de linguagem, ligados à nomenclatura botânica. Há a ponderar, todavia, que o interêsse da investigação filológica é multiforme e não tem predileções para nenhum ramo do conhecimento humano.

"The palmary problems in comparative Philology are two and two only the mechanism of derivate forms, especially the inflections and the origin of roots". (13)

O querer-se procurar a dinâmica da língua leva os estudiosos às diversas searas da inteligência, num movimento continuado de melhor aprimorar o seu manejo. "A propriedade ortográfica, semântica, ortoépica ou prosódica, parte é componente, do decôro, dignidade e nobreza de qualquer ciência ou arte (5). Já disse de uma feita, (13) tratando da impropriedade do uso de certos vocábulos zoológicos "a confusão entre animal doméstico, domado e amansado é enorme, confusão que se originou com o nascimento de nossa história. Está arraigada aos nossos costumes, tem mais de 400 anos. Material assim argamassado permanece para sempre no conceito da linguagem.

Há, entretanto, entre os povos e entre os homens uma inclinação natural para a investigação de seus têrmos e de suas expressões.

O descuido de alguns em escrever, a ignorância de muitos em assuntos de filologia e a recalitrância de vários em perdu-

rar nos erros faz que certas questões, como esta, sejam relegadas ao esquecimento”.

Aliás, em assuntos de filologia, já o afirmara uma abalisada cultura científica (3):

“todo aquele que, por mero desfastio ou tácita obrigação, se vê na contingência de realizar estudos sobre origem de vocábulos, deixa-se naturalmente conduzir pelas expressões de encoajamento com que o prof. G. Curtius, douto especialista da Universidade de Lipsia, há muitos anos, se exprimira a respeito desta ordem de atividade intelectual. De fato, a despeito da desconfiança e da incredulidade que têm cercado tantas tentativas de pesquisas etimológicas, conduzindo-as ao esquecimento um instinto, por assim dizer imperativo, parece chamar-nos a procurar a origem e a relação mútua de termos, ou, por outra, sondar das palavras o étimo. Quer isso dizer que os povos são levados por inclinação natural a investigar o conteúdo, assim real, como particular, de suas expressões.

Quanto ao nosso meio, onde até se tornaram corriqueiros, em discursos, livros e periódicos, certos desvirtuamentos gramaticais, tais como “não devem, por isso servirem de norma”, “não devendo as testemunhas deporem”, para não citar exemplos outros ainda mais horripilantes, a recente instituição dos estudos universitários está a tornar oportuna a agitação de inúmeras questiúnculas de natureza filológica, dando ânimo a que por elas se interessem quantos têm aprêço pelas letras.

Problemas de etimologia encontram-se, a miude, em qualquer campo de conhecimentos que se palmilhe. No terreno da biologia em geral e da zoologia em particular, em que exercito grande parte da minha atividade, ocorrem êles com desusada frequência, dado que a nomenclatura científica faz uso constante de termos do linguajar comum de vários povos, o que contribue para dilatar-lhe os horizontes e, talvez por isso, para aumentar-lhes os atrativos.

Sem dúvida alguma, grande interesse desperta em nosso espírito a etimologia linguística propriamente dita. Ligada de perto à mitologia e a outros estudos afins, ela nos ensina a

achar o ponto de partida ou o lugar de origem de uma palavra, de conformidade com as leis da fonética e com as próprias analogias existentes na mudança da significação dos vocábulos.”

“Esses obstáculos (4), crescem de importância se se deparam na linguagem científica, que por sua própria natureza, deve ser clara e precisa. Infelizmente, eles ocorrem, e a meu deus, se se põe a esmiuçá-los fica a gente muitas vezes perplexa, por verificar que, nem mesmo na opinião dos grandes lexicólogos, se pode buscar para removê-los”.

O termo *Cajanus*, como vemos, e como mostrei atrás suas possíveis origens de vocábulos asiáticos, é latino e, dessa forma, deve ter sofrido, como sofreu, várias alterações, explicáveis através da etimologia (lexiogenia de Maciel). O latim, no decorrer dos anos, deu formação a 7 idiomas como se sabe: português, espanhol, italiano, francês, velâquico e provençal, todos eles com quase as mesmas leis de formação. Dêsse modo existe uma como ponte de ligação entre as respectivas línguas. Dentro das leis clássicas da etimologia vamos submeter o quando a uma análise minuciosa:

1 — Imutabilidade do acento tônico — *Cajanus* — G (u) ándio. Essa lei é das mais precisas, porquanto preside à regência dos vocábulos de fundo popular, uma ou outra feita alterada por influência estranha ao espírito da língua. Se conhecemos o vocábulo *perfidus*, us (4.ª declinação) assimilado sem alteração fonética pelo português, pérfido, de acórdio, pois, com a lei em aprêço, já *vigor*, oris (3.ª declinação), passou alteradamente, transmutando-se para *vigor*. Quer-me pois, parecer, que a palavra *quando*, conservou, em sua transmutação, a imutabilidade do acento.

2 — Permanência da consoante iniciativa. Via de regra, é constante essa imutabilidade. Entre muitos outros exemplos, posso enumerar *civitas*, atis (3.ª declinação), *iglesia*, ae (1.ª declinação), *taurus*, us (4.ª declinação), etc. Não obstante, são

conhecidas, e bem compreendidas, exceções, como entre várias, posso citar as seguintes:

Curculio, onis (3.a declinação) gorgulho;

Camella, ae (1.a declinação) gamela;

Catus, us (4.a declinação) gato.

Já não desejo, aqui, falar do grupo *cl*, no qual a consoante inicial caiu e o *l* sonante se geminou, como **clamare** (llamare, chamar); **clave** (llave, chave), etc.. Não é estranho, pois à cinética da filologia, a não permanência da consoante inicial, como vimos pelas exceções apontadas. E, dessa forma, a guturalização inicial portuguesa (ou espanhola) do *Cajanus* é justificada (*gajanus*).

3 — Síncope da consoante média intervocal. Em *Cajanus* ocorre mais uma alteração perfeitamente de acôrdo com as leis de etimologia, e, em particular, com a lei ora em estudo. Se a gramática histórica explica o abrandamento de **corona** (coroa), **medlo** (meio), **septem** (sete) e vários outros casos, não é de extranhar a vocalização do *j* para *i* em *Cajanus* (*gaianus*). Aqui é preciso notar-se o seguinte: em muitas palavras o ditongo se forma posteriormente à queda da consoante, como **freno** — **freo** — **freio**, **acto** — **ato** — **auto**, etc. Em *Cajanus*, porém, as cousas não devem ter-se passado dessa forma e, sim, ao contrário, dando-se primeiro a vocalização (*Gaianus*) e, ao depois, a queda do *i* (*Gaanus*?).

Já nesta altura, vamos nos adiantando no flexionismo do vocábulo que estamos a examinar. Oferecem-nos os estudos etimológicos interessantes exemplos, de que nos iremos servir. Assim, o vocalismo nos mostra que a voz *a* pode mudar de som, como entre outros:

fame — **fome**

tagum — **tejo**

Ora, *G(a)anus* ou melhor *Gaianus*, pela própria eufonia do termo, cuja terminação é francamente anazalada, deve ter

forçado, através da expressão oral, a vocalização do **a** em **u**. Este fato não é de encontro fácil no arrendado da língua, mas não é de total desconhecimento. Encontramos, por exemplo, **toto** passando para o tudo moderno; **crypta** passando a gruta, etc.. Leva-nos, ainda mais, a crer nessa vocalização, o fato, não desprezível, seguinte: a consoante gutural iniciativa **G** (explosiva sonora como lhe chama **SOUZA DA SILVEIRA**, força a que se profira repentinamente o vocábulo **gaianus**, cuja sonoridade final deve influir sobremodo, acabando por sintetizá-lo em **guaiandus** ou **guandus**. Daí para **quando** nada há de extraordinário.

Leio em **CAMINHOA** interessante citação de **FREIRE ALEMÃO**, o qual assinalou, algures, **guendú**, tipo que está perfeitamente explicado dentro do que há pouco foi visto no atinente ao vocalismo, e que vem mostrar a enorme flexibilidade dos vocábulos no linguajar do povo.

Falta-me, apesar-das inúmeras buscas realizadas, encontrar muitas formas antigas do termo **quando**, que venham corroborar, ou não, as idéias aqui expendidas. A melhor referência que possuo é a já enunciada **guandúl**, muito próxima da nossa **guandú**, erradamente escrita e pronunciada pois que ela deve ter vindo para as terras americanas com êsse caráter africanista. Sou, pois, levado à consideração de que o termo **Cajanus**, como originariamente lhe escreveu **SPRENGEL**, sofreu, na **Africa**, transformações que acabaram por sintetizá-lo em **quando** e **guandú**, exemplo último, êsse, mais consentâneo com o linguajar das possessões portuguesas do continente negro.

CONCLUSÕES

1 — O autor, lançando mão da melhor bibliografia que pôde encontrar, enumerou os diversos nomes que recebe por todo o mundo o fruto do **Cajanus indicus**.

2 — De acôrdo com a gramática histórica e as leis de eti-

mologia comparada, examinou as possíveis formas de evolução do termo latino *Cajanus*, vestígio da palavra maláia *Catjang*, por meio da seguinte análise:

- a — imutabilidade do acento tônico;
- b — permanência da consoante iniciativa;
- c — síncope da consoante medial intervocal;
- d — vocalização do a em u.

3 — Após os estudos críticos organizados pelo autor, conclue que o termo deve ser escrito com o final e não u. Além disso, não crê na origem africana do vocábulo, que lhe parece ter sofrido corruptela na África, para onde foi levado pelo tráfico com o Oriente, e donde veio com a forma *guandú* assinalada. Crê e assinala que o termo não é oxítono como parece a muitos, *guandú*, mas paroxítono, *guando*.

SUMMARY

1 The "guando", technically known in botany as "*Cajanus indicus*", —has in Portuguese several different forms of spelling and of pronunciation such as *guandú*, *andú*, *voando* and *guendú*.

2 The author tried to find out its etymological origin and believes that it comes from the plant genus *cajanus*.

3 — The author applied the rules of etymology of the historical grammar according to the concepts of:

- a — the fixed inflexion of the word;
- b — the permanence of the initial consonant;
- c — the omission (syncope) of the median intervocal consonant;
- d — vocalization.

4 — The author believes that word "*cajanus*" underwent certain transformations among African natives and gives this as the cause of certain oxytone forms in Portuguese, but at the same time the author calls attention to the fact that the correct form should be paroxyton, and thus "*Guándo*" and not "*Guandú*".

LITERATURA

- 1 — ANÔNIMO — 1937 — Informações sobre algumas plantas forrageiras. — Ministério da Agricultura — Brasil.
- 2 — ANDRADE, A. A. — 1924 — As leguminosas e suas farinhas alimentares. — Boletim do Museu Nacional — Vol. I, n. 4, págs. 295-340.
- 3 — AMARAL, A. do — 1935 — Nota de filologia zoológica — Boletim Biológico — Vol. II, n. 3, págs. 103-107.
- 4 — AMARAL, A. do — 1929 — Notas à margem da Ciência — Boletim do Museu Nacional — Vol. V, n. 4, págs. 105-114.
- 5 — BOCANNERA, S. N. — 1922 — Syndrome, syndroma, ou syndromo? — Rev. de Ling. Port. — Ano III, n. 17, págs. 59-70 — Rio de Janeiro — Brasil.
- 6 — BONDAR, G. — 1930 — Leguminosas comestíveis cultivadas na Bahia — Boletim do Laboratório de Pathologia vegetal — Baía — Brasil.
- 7 — CAMPESE, O. — 1937 — Coltore tropicali — Vol. I, Ulrico Hoepli Ed.
- 8 — DE CANDOLLE, L. — 1893 — Origine des plantes cultivées.
- 9 — DUTHIE, J. F. e FULLER, J. B. — 1883 — *Cajanus indicus* Spreng. In "Field and Garden crops of the Northwest provinces and Ough". Pt. 2, pgs. 20-22.
- 10 — HILL, A. F. — 1937 — Economic Botany — First Ed. Mac Graw Hill Book Company, Inc.
- 11 — KRAUSS, F. G. — 1932 — The pigeon pea (*Cajanus indicus*) its improvement culture and utilization in Hawaii — (Hawaii Ag. Exp. Station). Bulletin 64:6.
- 12 — KRAUSS, F. G. — 1911 — Leguminous crops for Hawaii — Hawaii Ag. Exp. Station. Bulletin n. 23.
- 13 — LATHAM, R. G. — 1862 — Elements of comparative philology.

- 14 — LEACH, R. and WRIGHT, J. — 1930 — Collar and Stem canker of *Cajanus indicus*, pigeon pea. Memoirs of the Imperial College of Tropical Agriculture — Trinidad. Mycological Series Feb.
- 15 — MAC MILLAN, H. F. — 1935 — Tropical planting and gardening. Mac Millan Ed. Fourth Edit.
- 16 — MARTIUS — 1840 — Flora Brasiliensis. Vol. 15, col. 199.
- 17 — MENEZES, OSWALDO BASTOS DE — 1943 — Relatório da Secção de Genética do Instituto de Experimentação Agrícola — Rio (Unp).
- 18 — MENEZES, OSWALDO BASTOS DE — 1941 — Conceito de animal doméstico — “D. Casmurro” — Rio, Ano 4, n. 198, 7.
- 19 — MOREIRA, N. J. — 1862 — Dicionário de plantas medicinais brasileiras — Rio de Janeiro — Brasil.
- 20 — PAXTON'S BOTANICAL DICTIONARY — 1868.
- 21 — PFEIFER, P. — ? — Nomenclator botanicus. Vol. I, pars. I, pg. 522.
- 22 — SAMPAIO, A. J. — 1937 — Nomes vulgares de plantas do Distrito Federal e Estado do Rio — Boletim do Museu Nacional, Vol. 13 n. 1 - 2, págs. 161-293.
- 23 — SORNAY, P. de — 1913 — Les plantes tropicales — Chalmel, Editeur.
- 24 — SOUTO, P. V. — 1918 — Cultura do Guando — Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio — Brasil.
- 25 — STANDARDIZED PLANT NAMES — 1942.
- 26 — VON MUELLER, F. — 1891 — Select extra tropical plants. Eighth Ed. printed for the government of Victoria.
- 27 — WATT, G. — 1908 — The commercial products of India, being an abridgement of the dictionary of the economic products of India — London.